

Guilherme do Amaral Gurgel

Minibiografia:

Venho tendo uma trajetória bastante eclética nas artes, explorando diversas técnicas e me desafiando a sempre investir em áreas novas. Comecei a desenhar quando me recuperava de um acidente em 2014, preenchendo o mês e meio que fiquei de cama com um fazer artístico que me era muito prazeroso na infância, mas que a escola havia me feito deixar de lado. Nesse período acabei reorientando a minha vida e tomando a decisão de largar o emprego de técnico em meteorologia que tinha em São Paulo e voltar a morar no Rio de Janeiro para cursar Cinema e Audiovisual na UFF. Ao longo da graduação, tive a oportunidade de estagiar por dois anos e meio em dois arquivos audiovisuais muito importantes, a Cinemateca do MAM e o Centro Técnico Audiovisual (CTAv). Ainda que o trabalho fosse majoritariamente técnico (revisão de materiais, emissão de boletins sobre o estado de cada rolo de filme, organização do acervo etc.), o contato diário com aquelas imagens e o caráter efêmero delas me colocou diante de várias provocações a respeito da memória e da história coletiva, passei a tentar levar isso para minha arte. Percebi que tinha que incluir o tempo entre as variáveis das minhas obras, seja porque eu sei que todos os materiais sofrem de alguma maneira as alterações físicas que ele provoca, seja porque me acostumei na meteorologia a ver o céu mudando a cada dia ou no cinema a ver o valor da imagem de acordo com expectativa que ela traz pela próxima. Minha breve produção acadêmica até então, meu TCC sobre sonorizações de um filme silencioso no século XXI, se trata exatamente de explorar as maneiras como passado e futuro se chocam quando a imagem cinematográfica se torna um perpétuo campo de exploração estética. Concluí a faculdade em 2018, com meu primeiro filme, o Fora D'Água, ainda em produção e iniciei o curso de Fundamentos da Pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, ministrado pelo professor Luís Ernesto. Nesse mesmo ano entrei para o coletivo Meu BB e passei a expor em nossa galeria na Fábrica Bhering. Nos últimos meses tenho estudado ilustração digital e me tem vindo a mente a ideia de produzir um curta metragem de animação, espero conseguir investir nisso em um futuro próximo.



Breve descrição sobre o trabalho:

Eu raramente nomeio um quadro e quando o faço tento dar um título bem simples e direto. Poucas obras minhas têm de fato um nome, só faço isso quando me surge um na mente de maneira espontânea. O trabalho em questão ficou como Sem Título na época em que foi pintado e exposto na Fábrica Bhering, atualmente me refiro a ele como Guerra. Surgiu espontaneamente em uma época em que eu estava tão animado por começar a pintar que sentava em meu quarto por horas e horas produzindo uma pintura atrás da outra, em um ritmo de seis por dia, parando de pintar apenas quando os materiais se esgotavam. Ele veio ao final de uma dessas jornadas, eu já estava com a mente cansada e acho que o pintei de forma quase automática, o que produziu um resultado surpreendente até para mim. A princípio ele nada mais era do que uma paleta de cores e uma proposta, na qual eu prazerosamente fracassei, de fugir de qualquer sinal de grafismo e valorizar nada além da mancha e da pincelada. Conforme as cruces foram surgindo (talvez a coisa mais gráfica que eu já pintei), notei uma sensação de movimento que não tinha conseguido em nenhuma outra pintura.

Eu digo que a chave do meu processo artístico sempre está no movimento, seja em um filme, em uma ilustração ou em um quadro, o importante é eu poder olhar para o resultado final e conseguir sentir que algo ali está se movendo, pensar que se eu fechar os olhos e abrir um minuto depois já não estarei diante da mesma imagem. Deve ter a ver com a minha trajetória que se iniciou na meteorologia, passou pelo cinema, pelos arquivos (onde acompanhava as alterações que o tempo provocava nas imagens impressas nos rolos de filme) e terminou na pintura, talvez seja impossível para mim conceber uma obra minha que seja estática. O tempo sempre será uma variável na minha mente enquanto eu estou produzindo. Vejo nessa tela os triângulos correndo em todas as direções e as cruces caindo de um céu infinito. Algumas delas chegam a bordo dos grandes retângulos azuis, outras caem livremente. Será que para desembarcar em algum porto em uma guerra,

ou será que despachadas por aviões militares? Não tem como eu não pensar em uma guerra quando a olho, ainda mais por tê-la feito em uma época em que minhas preocupações com o futuro estavam um tanto exacerbadas pela crescente militarização que via nos discursos ao meu redor (e que desde então só aumentaram). Não quero senti-la como uma obra mórbida, mas como uma obra de provocação. Ela me toca em um nível inconsciente (talvez justamente por ter vindo de lá em meu processo de quase automatismo) e desde que surgiu tem tocado muitas outras pessoas. No que o tempo a transformará quando abirmos os olhos novamente?